

ADMINISTRAÇÃO: AS BASES CONCEITUAIS DESSA CIÊNCIA SOCIAL APLICADA.

João Paulo Silva do Nascimento ¹
Zildelene Mariano Cardoso Silva ²

RESUMO

A partir de uma análise e discussão sobre a cientificidade da Administração, tendo como ponto de partida uma revisão sistemática da literatura que aborda a temática. O presente artigo objetiva contextualizar as bases conceituais da administração enquanto ciência social aplicada, perpassando pelos conceitos de ciência, epistemologia, transcorrendo pelos principais percursores, eventos e instituições que abarca o processo de evolução da administração. Para tanto, o trabalho foi sedimentado dos seguintes arcabouços teóricos: Japiassu (1991), Drucker (1977), Daft (1999), Stoner (1999), Maximiano(2006), Chiavenato (2000), Cortela (2018); dentre outros. Metodologicamente, o estudo limitou-se a pesquisa essencialmente bibliográfica, procedendo a leitura de livros, dissertações e teses de autores (a) que realiza a discussão sobre este campo do conhecimento humano e científico. É sabido que a gestão ainda tem um extenso percurso a percorrer com o propósito de ampliar sua precisão metodológica e sua evolução, porém ignorá-la como uma disciplina científica, além de não contribuir para esse desenvolvimento, acaba depreciando um vasto grupo de agentes sociais - as empresas - que não são o foco principal de investigação de outras áreas do conhecimento. A luz dos estudos, afirma-se que Administração é qualificada como Ciência Social Aplicada porque tem o homem como objeto de estudo, inserido nas organizações. Detém conhecimentos sistematizados que são aplicados para o desenvolvimento da prática.

Palavras-chave: Administração; Ciência Social Aplicada; Epistemologia; Ciência; Revisão Sistemática.

INTRODUÇÃO

A construção da ciência ao longo dos tempos traz no seu bojo o resultado de dois fatores à sua análise: o contexto histórico em que ela se articula, incluindo aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos e seus participantes que produzem conhecimento, criticam, ou ainda aqueles que dele se beneficiam. Deste modo, uma reflexão mais profunda sobre o conhecimento científico requer o resgate desses elementos seguindo a perspectiva crítica que reconheça o seu pleno processo de desenvolvimento.

Japiassu (1991), afirma que na ciência não existem verdades definitivas, o que designa o caráter de transitoriedade e incompletude do conhecimento. A ciência é também uma construção histórica que ganha corpo a partir de seus atores.

¹ Mestre em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT IFCE, jpaulo_adm@hotmail.com;

² Mestra em Educação Profissional e Tecnológica- PROFEPT IFCE, zildelene.cardoso02@aluno.ifce.edu.br.



No caso da ciência da administração é particularmente importante recuperar seus fundamentos, para entendimento não só de seu contexto de surgimento como também de sua evolução. “A criação de uma teoria é uma prática intelectual situada em um dado contexto histórico e que está voltada para a construção e mobilização de recursos ideais, materiais e institucionais para legitimar certos conhecimentos e os projetos políticos que deles derivam” (REED, 1998, p.64).

Neste sentido, procurar-se-á pontuar alguns elementos presentes na constituição e evolução da teoria da administração, destacando os aspectos do funcionalismo que conformaram o paradigma dominante neste campo. Com a predominância do funcionalismo como fundação epistemológica da pesquisa e educação, criou-se no Brasil uma geração de pesquisadores e educadores que tiveram acesso restrito a outros paradigmas de análise organizacional, bem como pouco incentivo ao aprofundamento e descoberta em outras abordagens alternativas (VERGARA; CALDAS, 2005).

Em razão de todo esse conjunto de informações, apresenta-se a pergunta à qual este trabalho objetiva alcançar: “A Administração é uma ciência ou uma combinação com a ciência?”. O objetivo geral deste trabalho é fazer uma revisão da literatura científica sobre a Administração como ciência social aplicada. Não foi delimitado um intervalo de tempo para os estudos, de modo que todas as informações encontradas nas buscas foram analisadas de forma contributiva para o conhecimento científico.

ORIGEM DA ADMINISTRAÇÃO

Nas sociedades primitivas a caçada, a pesca ou o plantio para alimentação dos grupos sociais era um empreendimento que envolvia planejamento, decisão de trabalho, estabelecimento dos líderes e das tarefas. A partir desse trabalho em conjunto surgiram as empresas rudimentares, que datam da época dos assírios, babilônicos, fenícios, egípcios, gregos e romanos. A Administração, portanto, é praticada desde que existem os primeiros agrupamentos humanos.

O estudo da administração revela a influência de diversas áreas do conhecimento humano. A Filosofia concedeu sua grande contribuição para a administração. Antes de Cristo, os filósofos da antiguidade expunham seu ponto de vista sobre esta área esplêndida que viria a ser relevante no mundo.

Conforme, citado por Chiavenato (1997), o filósofo Sócrates (470 a.C – 399 a.C),

afirmou que a administração é uma habilidade pessoal separada do conhecimento técnico e da experiência:

[...] sobre qualquer coisa que um homem possa presidir, ele será, se souber do que precisa e ser for capaz de provê-lo, um bom presidente, quer tenha a direção de um coro, uma família, uma cidade ou um exército. Não é também uma tarefa punir os maus e honrar os bons? Portanto, Nicomaquides, não desprezeis homens hábeis em administrar seus haveres; pois os afazeres privados difere dos públicos somente em magnitude; em outros aspectos, são similares, mas o que mais se deve observar é que nenhum deles pode ser gerido sem homens, nem os afazeres privados são geridos por uma espécie de homem e os públicos por outra: pois aqueles que conduzem os negócios públicos não utilizam homens de natureza diferentes daqueles empregados pelos que gerem negócios privados; e os que sabem emprega-los conduzem tanto os negócios públicos quanto os privados, judiciosamente, enquanto aqueles que não sabem errarão na administração de ambos.

Platão (429 a.C. – 347 a.C.), filósofo grego discípulo de Sócrates, também contribuiu na origem da administração, relatando em sua obra intitulada “A República” sua visão sobre a democracia e condução dos negócios públicos. Ainda expos os problemas políticos e sociais decorrentes do desenvolvimento cultural e social dos gregos. Aristóteles, discípulo de Platão, abriu a perspectiva do conhecimento humano, dando o impulso inicial à filosofia, cosmologia, **nosologia, metafísica**, ciências naturais e lógicas. Também realizou estudos acerca da forma de organização do Estado, demonstrando os três tipos de administração pública: monarquia, aristocracia e democracia.

Chiavenato (2014) aponta que a filosofia moderna surge com os filósofos Francis Bacon (1561-1626), René Descartes (1596-1650), Jean-Jacques Rousseau, (1712-1778) e Karl Marx (1818-1883). O inglês Francis Bacon, fundador da lógica moderna baseada em separar experimentalmente o que é essencial do que é acidental ou acessório. René Descartes, filósofo francês que criou as coordenadas **cartesianas**, dando ênfase à matemática e à geometria da época viabilizando os princípios da divisão do trabalho, da ordem e do controle com base nos princípios cartesianos. Jean-Jacques Rousseau, considerado um dos principais influenciadores da formação do pensamento político e educacional moderno, desenvolveu a teoria do contrato social, que é um acordo entre membros com conjuntos de regras que regem o mesmo. Karl Marx foi autor da teoria da origem do Estado e afirma que todos os fenômenos históricos são o produto das relações econômicas entre homens.

Na evolução histórica da administração, duas instituições se destacaram, servindo de modelo organizacional: a Igreja Católica Romana e as Organizações Militares.



A organização eclesiástica era um modelo de gestão para organizações inexperientes. No período da Idade Média, a igreja possuía um modelo composto por hierarquias de poder (estado geral e coordenação funcional integrada).

A organização militar influenciou o governo através do conceito de hierarquia e do princípio de direção de que todo soldado precisa saber exatamente o que deve fazer e o que se espera dele. As contribuições militares abarcam a organização linear, princípios de comando unificado, escala hierárquica, delegação de autoridade, comando centralizado e execução descentralizada, princípios de direção e planejamento estratégico.

ABORDAGENS CONCEITUAIS E TEÓRICAS DA ADMINISTRAÇÃO

A palavra Administração vem do latim *ad* (direção, tendência para) e *minister* (subordinação ou obediência), que significa aquele que realiza uma função sob o comando de outrem, isto é, aquele que presta um serviço a alguém. Em conformidade com Chiavenato (1997) a tarefa básica da administração é a de fazer as coisas por intermédio de pessoas. As novas concepções da administração são consideradas por autores, pesquisadores e profissionais a chave para a solução de muitos problemas emergentes no mundo contemporâneo.

Em concordância com Maximiano (2006), administração é o processo de tomar decisões sobre objetivos e utilização de recursos. O processo administrativo abrange cinco tipos de funções: planejamento, organização, liderança, execução e controle. Daft (1999) define a administração como “a realização dos objetivos organizacionais de uma forma eficaz e eficiente, através do planejamento, organização, liderança e controle dos recursos organizacionais”, porém, este servirá apenas para conceituar a fim de melhor entendê-la, pois até então não se explorará o mérito sobre quem a desempenha.

Conforme Stoner (1999), Administração é o processo de planejar, organizar, liderar e controlar os esforços realizados pelos membros da organização e o uso de todos os outros recursos organizacionais para alcançar os objetivos estabelecidos. Chiavenato (2000, p. 5) ainda complementa o conceito de Administração dizendo que a tarefa básica da Administração é a de fazer as coisas por meio de pessoas de maneira eficiente e eficaz.

Para Drucker (1977, p.31), “a administração é o órgão da entidade que não tem função em si mesma, e, na verdade, não tem existência em si mesma. A administração divorciada da entidade a que serve, não é administração”.

A Administração, revela-se nos dias de hoje como uma área do conhecimento humano

permeado de complexidades e desafios. O profissional que utiliza a administração como meio de vida costuma solucionar problemas, dimensionar recursos, planejar aplicações, desenvolver estratégias, efetuar diagnósticos, enfim, tudo que for ligado à organização, seja ela pública ou privada. À vista disso, percebe-se que toda organização, para ser realmente uma organização necessita de uma administração e que essa não existe sem uma organização.

O nascimento da indústria causou grandes transformações na economia mundial, assim como no estilo de vida da humanidade, uma vez que acelerou a produção de mercadorias e a exploração dos recursos da naturais. Além disso, foi responsável por grandes transformações que impactaram no processo produtivo e nas relações de trabalho.

A Revolução Industrial pode ser dividida em duas épocas bem distintas:

- **Primeira fase, 1780 a 1860:**

Sob o prisma de evolução histórica, a primeira revolução industrial surgiu na Inglaterra no fim do século XVIII e mudou o paradigma mundial por acelerar o processo de produção, que era totalmente artesanal, a partir do uso de carvão, vapor e ferro. A produção atingiu patamares nunca vistos. Os britânicos tornaram-se a principal potência mundial por conseguir produzir de forma barata e rápida produtos em todos os setores. Essa primeira fase, representa um conjunto de mudanças no setor econômico e no setor social possibilitado pela evolução tecnológica. Esses avanços contribuíram para a consolidação de uma nova forma de produção, bem como deram início a uma nova realidade industrial, estabelecendo um novo padrão de consumo na sociedade e novas relações de trabalho (ABREU, 2000).

Nesta fase, há um marco histórico que é a substituição da manufatura pela maquinofatura, ou seja, a substituição do trabalho humano e a introdução de máquinas capazes de realizar esse trabalho com maior precisão e em menor tempo. Nesse período, houve a expansão do comércio, e a mecanização possibilitou maior produtividade e, conseqüentemente, o aumento dos lucros. As indústrias expandiam-se cada vez mais, criando, então, um cenário de progresso jamais visto. As principais invenções do período contribuíram para o melhor escoamento das matérias-primas utilizadas nas indústrias e favoreceu o deslocamento de consumidores e a distribuição dos bens produzidos (JAGUARIBE, 2001).

- **Segunda fase, 1860 a 1914**

A segunda revolução industrial ocorreu a partir em meados do século XIX e teve como protagonistas a eletricidade, a química e o petróleo. O período foi marcado pela massificação da manufatura, e do desenvolvimento de tecnologias como refrigeradores, alimentos enlatados e os primeiros telefones, bem como a linha de produção criada por Henry Ford, possibilitando a produção em larga escala. Houve avanços não só tecnológicos, mas também geográficos,

representando o momento em que a revolução deixou de limitar-se à Inglaterra espalhando-se para outros países, como Estados Unidos, Japão, Alemanha e França. Ela eclodiu como consequência, principalmente, das grandes revoluções burguesas ocorridas no século XIX, representadas pela classe dominante na época, a burguesia. Essas revoluções foram as responsáveis pelo fim do Antigo Regime e influenciaram o fortalecimento do capitalismo, impulsionado pela industrialização. Foi ne que surgiu o capitalismo financeiro, que acabou por moldar essa fase, que ficou conhecida como o período das grandes inovações (COLNAGO, JUNIOR, COTRIM, 2010).

Após as duas fases da Revolução Industrial o mundo já não era mais o mesmo. E a moderna administração foi consolidada em respostas a duas consequências, a saber: Crescimento acelerado e desorganizado das empresas, que passaram a exigir uma administração científica capaz de substituir o empirismo e a improvisação; Necessidade de maior eficiência e produtividade das empresas, para fazer face à intensa concorrência e competição no mercado.

A luz dos expostos, a moderna administração ganhou mais espaço no início do século XX, quando dois engenheiros publicaram suas experiências. O americano, Frederick Winslow Taylor (1856-1915) veio desenvolver a chamada Escola da Administração Científica, com a preocupação de aumentar a eficiência da indústria por meio da racionalização do trabalho dos operários. O francês Henri Fayol (1841-1925) foi o mentor da Escola Clássica da Administração, com a preocupação de aumentar a eficiência da empresa, através da sua organização e da aplicação de princípios gerais de administração.

Ressalta-se, que esses precursores da administração jamais se comunicaram entre si e seus pontos de vista sejam diferentes e, até mesmo opostos, o certo é que pensamentos se complementam, e suas teorias dominaram durante um longo intervalo de tempo o panorama da administração de empresa no século XX.

Cada teoria surgiu como uma resposta aos problemas organizacionais relevantes do seu tempo, embora cada qual valorize uma ou algumas das cinco variáveis básicas: **tarefa, estrutura, pessoas, tecnologia e ambiente**. É importante salientar que, para continuarem sempre úteis e aplicáveis, as teorias administrativas precisam se adaptar às mudanças e incertezas que surgem no decorrer do tempo, mas sempre agindo em prol da organização.

As Teorias da Administração, segundo Maximiano (2006), são conhecimentos organizados e produzidos pela experiência prática das organizações.

Chiavenato (2006, p. 2), assevera que “[...] a teoria das organizações é o campo do conhecimento humano que se ocupa do estudo das organizações em geral”.



Enquanto as [...] teorias da administração são conhecimentos organizados e codificados em decorrência da experiência prática e empírica da administração em organizações.

No campo da Ciência da Administração, no decorrer do tempo, os resultados de estudos, pesquisas, experiências, levantamentos e observações nas organizações deram seguimento a um conjunto de teorias. Em conformidade com o (Portal Administração, 2023) as teorias da administração caracterizam-se como:

Teoria das Relações Humanas, que fora desenvolvida meados de 1940, nos Estados Unidos, e mais recentemente, com novas ideias, passou a ser conhecida pelo nome de Teoria do Comportamento Organizacional. A teoria em questão, foi um movimento em reação à Teoria Clássica da Administração, com ênfase centrada nas pessoas. Teve como origem: a necessidade de humanizar e democratizar a administração, o desenvolvimento das chamadas sociais humanas (psicologia e sociologia), as ideias da filosofia pragmática de John Dewey e da psicologia dinâmica de Kurt e as conclusões da Experiência de Hawthorne, bastante discutido e estudado nas escolas de administração.

Maximilian Weber (1864 - 1920), mais conhecido como Marx Weber, teve suas ideias desenvolvidas na Teoria da Burocracia de 1950, sobre as características do modelo burocrático como: divisão do trabalho (em órgãos e cargos), formalização (documento e papelório), hierarquia (níveis de autoridade), regras e procedimentos de trabalho e seleção dos participantes pela competência técnica. A partir de 1950 foi desenvolvida a Teoria Estruturalista, preocupada em integrar todas as teorias das diferentes escolas de administração.

Convém citar a Teoria dos Sistemas desenvolvida a partir de 1970, onde passou a abordar a empresa como um sistema aberto em contínua interação como meio ambiente que a envolve. Ao final da década de 1970 veio a Teoria da Contingência sob influência da teoria dos sistemas. Para essa teoria, a empresa e sua administração são variáveis dependentes do que ocorre no ambiente externo. À medida que o meio ambiente muda, também ocorre mudanças na empresa e na sua administração como consequência. Isto significa que em administração tudo é relativo e nada é absoluto. Na Teoria da Contingência, tudo que ocorre na empresa depende da situação e do ambiente externo.

Portanto, verifica-se que diversas ciências influenciaram e auxiliaram de maneira efetiva para a formação do campo do conhecimento administrativo. As ciências supracitadas formam o pilar da evolução da ciência da Administração que fomenta os estudos, pesquisas, trabalho e obras dos seus seguidores até os dias de hoje.



ADMINISTRAÇÃO NO CAMPO DA CIÊNCIA SOCIAL APLICADA

Para o melhor entendimento sobre compreensão do questionamento da cientificidade da Administração é indispensável compreender o conceito de epistemologia e ciência. Epistemologia significa o estudo da ciência; é a crítica do conhecimento científico, o exame dos princípios, das hipóteses e das conclusões das diferentes ciências, buscando determinar seu alcance e seu valor objetivo. Abrange também o conhecimento filosófico sobre as ciências (CHAUI, 2004) e a história do desenvolvimento científico (BRAVO, 2003). Complementando, Santos (2004) aponta que o termo epistemologia não possui um sentido único, consistindo em um conceito flexível que varia conforme os pressupostos filosóficos e ideológicos dos críticos de diferentes países e culturas.

Segundo Faria (2012), a epistemologia seria um campo de pesquisa da filosofia que estuda os fundamentos, pressupostos e implicações filosóficas da ciência, estando diretamente relacionado à ontologia ao tentar explicar a natureza das afirmações e conceitos científicos e a forma como são produzidos: (I) os meios para determinar a validade da informação; (II) a formulação e uso do método científico; (III) os tipos de argumentos usados para chegar a conclusões; (IV) as implicações dos métodos e modelos científicos para as ciências. Tal conceito parte do princípio de que todas as ciências possuem uma filosofia subjacente.

Para Freire Maia (1991) a ciência define-se como conjunto de descrições, interpretações, teorias, leis, modelos, visando ao conhecimento de uma parcela da realidade, em contínua ampliação e renovação, que resulta da aplicação deliberada de uma metodologia.

De acordo com Lakatos e Musgrave (1979), durante séculos, o conhecimento significou conhecimento provado pela força do intelecto ou pela prova dos sentidos. A sabedoria e a integridade intelectual exigiam que fossem desconsideradas afirmações não provadas, o que minimizou o hiato entre a especulação e o conhecimento estabelecido. Essa era a concepção comum de ciência até então, vestida nas roupagens do positivismo lógico, critério baseado no empirismo justificacionista-indutivista da concepção tradicional de ciência.

Além disso, destaca-se que, nas origens da história da ciência, ela possuía como preocupação principal ampliar os conhecimentos, o que leva à compreensão de que se tratava da ciência formal. Já na atualidade, o processo evolucionário das ciências as distinguiu em formais e reais (CORBI, 1998; FIGUEIRAS, 1996).



No que tange à administração, ela pode ser considerada uma ciência social (WHITLEY, 1977), isto que seu objeto de estudo se constitui de fenômenos de ordem social, ou seja, do estudo e da melhoria da coordenação e do controle de atividades humanas associadas. Além disso, a administração também pode ser classificada como uma ciência aplicada (THOMSON, 1956), ou seja, uma ciência social aplicada.

Augusto e Walter (2008) argumentam que a dificuldade de a administração ser considerada uma ciência pela academia se deve exatamente ao fato de consistir em uma ciência social. Isso porque as ciências sociais possuem um objeto de estudo mais complexo, o que impossibilita que atinjam critérios de cientificidade baseados nas ciências naturais, como a neutralidade e a objetividade.

Corbi (1998) relata que se a administração for considerada ciência, está é do tipo social aplicada: ciência social pelo fato de que os problemas que analisa procedem de ações humanas; e ciência aplicada, pois além de buscar conhecimento, ela os aplica a fim de explicar ou interferir no ambiente, seja na resolução de um problema organizacional, em meio à sociedade, ou na execução de alguma estratégia na organização, baseando-se nas premissas das ciências básicas. A administração também pode ser caracterizada como ciência aplicada, pois dispõe de instrumentos metodológicos para resolver os problemas das organizações.

A luz do conhecimento, têm-se a administração qualificada como ciência social aplicada, visto que investiga as organizações, de modo a conhecê-las, para que possa sobre elas aplicar frequentemente novos conhecimentos, teorias, princípios, buscando contribuir de forma eficiente para o desenvolvimento e crescimento organizacional. É uma ciência que aplica os conhecimentos à ação. Por isso, deve-se observar que se trata de uma ciência não exata, que possibilita a cada ação receber reações distintas que vão depender do momento em que ocorrem no meio ambiente e com pessoas envolvidas, do modo como se definiu o problema, do local onde se agiu etc.

METODOLOGIA

Metodologicamente, o estudo limitou-se a pesquisa essencialmente bibliográfica, procedendo a leitura de livros, dissertações, teses de autores (a) que abordam a temática supracitada. A justificativa para esta pesquisa é a necessidade de se fazer uma discussão no tocante à Administração como Ciência, transcorrendo pelos principais percussores, bases conceituais, eventos e instituições que abarca o processo de evolução dessa ciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho, demonstrou o processo histórico de uma ciência social aplicada chamada administração, perpassando por sua origem, abordagens conceituais e teóricas, sobretudo, comprovando que a administração pertence ao campo das ciências sociais aplicadas. Porém, observa-se que a administração ainda possui um longo caminho a percorrer em busca da ampliação de seu rigor metodológico e de seu amadurecimento.

Desconsiderar a administração como ciência, além de não auxiliar na consolidação desse processo, torna-se um verdadeiro desprestígio ao grupo de atores sociais supracitados que não pode ser estudado por outras ciências: as organizações. Desse modo, mesmo a administração se utilizando de conhecimentos desenvolvidos em outros campos da ciência, traz em sua marca características, pesquisadas apenas no contexto da gestão.

À medida que surgem novos desafios, a administração precisa adaptar-se ou revisar seus métodos e conceitos para torná-los aplicáveis. O mundo dos negócios deixou as formas burocráticas e migrou para sistemas pós-industriais. Mudanças bruscas ocorreram ao longo dos anos, principalmente na gestão do conhecimento, crescimento das organizações, tornando-as complexas e globais e, onde exige competências e habilidades dos administradores.

Frente aos estudos, pode-se constatar os reflexos da administração relacionada ao campo estratégico da sustentabilidade e em desempenhos superiores, os arranjos produtivos, dos tempos e movimentos na atividade industrial, os impactos da atividade humana nas atividades organizacionais e outros são intrínsecos a essa área de conhecimento. Essa ciência, pauta-se nos estudos organizacionais, nas relações com a riqueza, com o ser humano e com os ambientes nos quais a empresa atua.

Considerando o valor dessa ciência na sociedade, é relevante incitar, nos meios acadêmicos, os debates de natureza epistemológica, assim como a responsabilidade que a comunidade acadêmica deve ter no sentido da construção de conhecimento lógico e concreto. Recomenda-se, ainda pesquisas futuras a serem desenvolvidas para ampliar escopo da discussão, bem como de outras áreas para verificar os posicionamentos desses indivíduos sobre as abordagens teóricas nas quais estão sedimentadas.

REFERÊNCIAS



ABREU, Pedro Henrique Camargo de. **Perspectivas para a Gestão do Conhecimento no Contexto da Indústria 4.0.** South American Development Society Journal, [S.l.], v. 4, n. 10, p. 126 - 145, mar. 2018. ISSN 2446-5763. Disponível em: Acesso em: 25 de maio. 2022. doi: <http://dx.doi.org/10.24325/issn.2446-5763.v4i10p126-145>.

AUGUSTO, Paulo O. M; WALTER, Silvana A. **O status científico da pesquisa em administração.** Revista de Negócios, v. 13, n. 4 p. 56-71, out./dez. 2008.

BRAVO, I. **Gestão de qualidade em tempos de mudanças.** São Paulo: Alínea, 2003.

CHAUÍ, M. **Convite a Filosofia.** 3. ed. Rio de Janeiro: África, 2000.

CHIAVENATO, Idalberto. **Teoria Geral da Administração.** Abordagens prescritivas e normativas da administração. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração.** 6 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

CHIAVENATO, Idalberto. **Princípios da Administração: o essencial em teoria geral da administração.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração.** 9ª edição. São Paulo: Manole, 2014.

COLNAGO, Lorena de Mello Rezende; JUNIOR, José Eduardo de Resende Chaves;

CORTELLA, Mario Sérgio. 2018. **Descartes: a paixão pela razão.** São Paulo: Kindle Direct Publishing. <https://www.amazon.com.br/Dcartes-Paix%C3%A3o-Mario-Sergio-Cortella-ebook/>

_____. **Fundamentos da Filosofia - História e grandes temas.** São Paulo: Saraiva, 2006.

DAFT, Richard L. **Administração.** 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

DRUCKER, Peter F. **Introdução à Administração.** 3 ed. São Paulo: Moderna , 1997

FARIA, J. H. de. **Dimensões da Matriz Epistemológica em Estudos em Administração: uma proposição.** In: EnANPAD, 2012, Rio de Janeiro. Anais do EnANPAD 2012. Rio de Janeiro: ANPAD, 2012. v. 01. p. 01-01.

FIGUEIRAS, Eugenio R. **Metodologia de las ciencias sociales,** 1996.

FREIRE-MAIA, N. **A ciência e o meio social.** Petrópolis: Vozes, 1991.

JAGUARIBE, Hélio. **Um Estudo Crítico da História.** São Paulo, Paz e Terra, 2001.

JAPIASSU, H. Alguns instrumentos conceituais; O que é a epistemologia? in **Introdução ao pensamento epistemológico.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

LAKATOS, Inre; MUSGRAVE, Alan. **A crítica e o desenvolvimento do conhecimento.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

MAXIMIANO, Antônio Cesar Amaru. **Teoria Geral da Administração: da revolução urbana à revolução digital.** 4. ed. São Paulo, Atlas, 2006.



MORIN, E. *Ciência com consciência*: trad. de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 7 ° ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PORTAL ADMINISTRAÇÃO PARA TODOS. Disponível em: <<https://administracaoparatodos.com.br/antecedentes-da-administracao-organizacao-militar-exercito-e-igreja-catolica/>>. Acessado em maio de 2023.

SANTOS, R. S. **A administração política como campo do conhecimento**. São Paulo-Salvador: Mandacaru-Hucitec. 2004.

STONER, James A. F.; FREEMAN, R. Edward. *Administração*. 5 ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1999.

Teorias da Administração I/ Francisco Mirialdo Chaves Trigueiro, Neiva de Araújo Marques. – 3. ed. rev. ampli. – Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração / UFSC; [Brasília] : CAPES : UAB, 2014.

REED, M. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.) **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998. Vol. 1, p.61-98

THOMPSON, James D. On building an administrative science. **Administrative Science Quarterly**, v. 1, n. 1, p. 102-111, 1956.

VERGARA, S. C.; CALDAS, M. P. Paradigma Interpretacionista: A busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. **Revista de Administração de Empresas**. V. 45, no 4, p. 66-72, 2005.

WHITLEY, Richard. sociology of scientific work and the history of scientific developments. In: BLUME, Stuart S. (ed.). **Perspectives in the sociology of science**, John Wiley and Sons, Chichester-New York-Brisbane-Toronto, p. 21- 50, 1977.